

ATTITUDES E CRENÇAS DE PROFESSORES SOBRE SEXUALIDADE: RESULTADOS PRELIMINARES

SILVA, Ricardo Desidério da – PCM-UEM
rickdesiderio@hotmail.com

BENEVIDES-PEREIRA, Ana Maria Teresa – PCM-UEM
anamariabenevides@hotmail.com

SANTIN FILHO, Ourides – PCM-UEM
osantin@uem.br

Área Temática: Currículo e Saberes
Agência Financiadora: Não contou com financiamento

Resumo

Na medida em que se tem ponderado a necessidade da discussão do tema sexualidade nas escolas, nota-se com frequência a fragilidade por parte dos professores em abordar o tema em sala de aula. Boa parte dos docentes sente-se despreparado para falar abertamente sobre a questão, contudo, deixar de falar torna-se impossível uma vez que, os comportamentos de ansiedade, curiosidade sobre a sexualidade vêm se tornando cada vez mais comuns nas escolas. O professor desempenha então um papel muito importante na abordagem desse tema, já que a escola constitui-se num espaço enriquecedor para esclarecimento e discussão sobre sexualidade. Considerando a diversidade humana e a importância do ensino de sexualidade nas escolas, os educadores não podem se limitar a tratar os conhecimentos relacionados apenas aos aspectos biológicos. Entretanto, aqueles que estão dispostos a uma Educação Sexual que envolva a aprendizagem sobre sexualidade humana que esteja inserida dentro de um contexto histórico cultural e que permita a busca pelos sentimentos, valores, emoções e atitudes frente à vida sexual, devem refletir sobre a maneira como os temas são transmitidos aos alunos. Nesta pesquisa apresenta-se uma análise inicial das principais atitudes e crenças manifestadas por 5 (cinco) professores sobre a temática sexualidade, empregando-se entrevistas diretas, semi-estruturadas, que foram submetidas a uma análise de conteúdo a partir dos pressupostos da modalidade denominada *Temática*, conforme salienta Bardin (2007). Os resultados preliminares denotam que os docentes, apesar de considerarem importante lidar o assunto com os alunos, manifestam dificuldade em falar sobre o tema, indicando inclusive algumas concepções equivocadas. O presente trabalho faz parte de uma pesquisa mais ampla, compreendendo também a investigação dos conhecimentos e atitudes manifestadas pelos alunos dos professores entrevistados.

Palavras-chave: Sexualidade; Atitudes; Crenças; Professores; Educação sexual.

Introdução

Todos nós nos confrontamos com questões ligadas a sexualidade em nossa vida cotidiana. Porém, a questão ainda é considerada por muitos como um desafio, principalmente aos educadores. Mas afinal, por que abordar a questão da sexualidade não é uma tarefa fácil?

Para Nunes (2005), essa abordagem não é simples, pois existe “certo estranhamento do sujeito humano com sua própria sexualidade” (p. 13). Esta se encontra envolta em valores morais, que são determinados ou determinantes de comportamentos, usos e costumes sociais que estão relacionados a mais de uma pessoa.

Alves e Chaves (2007) relacionaram, em um estudo sobre as necessidades e dificuldades da orientação sexual dos professores de ciências de Porteirinha-MG: falta de recursos didáticos específicos, incompreensão dos pais sobre o assunto, existência de preconceitos, além de questões religiosas, timidez e até insegurança em debater informações sobre o tema.

Assim, Nunes (2005) afirma que vivemos num ambiente “sexualizado” que torna necessária uma reflexão sobre sexualidade humana, pois ela faz parte de toda nossa vida cotidiana. As últimas décadas provocaram transformações enormes na compreensão e na vivência da sexualidade e estas se refletem nos valores, nos comportamentos, na linguagem, no modo de vestir, nas músicas, nos filmes, bem como nos relacionamentos, entre outros.

Segundo Figueiró (2006), a sexualidade perpassa a dimensão biológica. Desta forma as questões trabalhadas na escola precisam envolver reflexão, de modo individual e coletivo. Este exercício permitirá ao aluno o reconhecimento enquanto sujeito de sua própria sexualidade, construindo práticas positivas e saudáveis para o desenvolvimento de sua vida.

... é preciso viver relativamente bem a sexualidade. Não podemos assumir com êxito pelo menos relativo, a paternidade, a maternidade, o professorado, a política, sem que estejamos mais ou menos em paz com a sexualidade. (FREIRE, 1992, p. 5)

Partindo desses pressupostos, faz-se também necessária a compreensão de que não nascemos homens ou mulheres, mas sim machos e fêmeas da espécie humana. Acabamos assim nos produzindo enquanto homens e mulheres na relação com outros seres humanos. Somos então capazes de dar sentido, significado, atribuir valores, regulamentos e normatizar os relacionamentos afetivos, amorosos e sexuais, pois cada um de nós, em cada tempo e lugar,

cria, recria e busca formas para viver e expressar a sexualidade. (BRASIL, 1997). Logo, propor que a escola trate as questões da sexualidade numa perspectiva dos direitos do cidadão e sob os princípios da equidade, insere imediatamente em discussão o professor enquanto Educador Sexual.

Embora os cursos de formação de professores (na sua quase totalidade) assim como a “falta de tradição familiar”, se somem à ausência de discussões dessa temática, assumindo assim modelos de disciplinamento, censura e conservadorismo, este seria o momento em que a abordagem da Educação Sexual se reveste de forte importância nas escolas. Nela podemos compreender que os fenômenos sócio-culturais atingem uma sociedade e, mesmo existindo casos específicos e individuais, discussões em sexualidade devem extrapolar o âmbito pessoal. Resgata-se sua construção histórica e traz-se à tona as verdades, atingindo as pessoas em uma dada sociedade e cultura (FURLANI, 2007).

Werebe (1998, p. 149), também afirma que “nem sempre os pais oferecem aos filhos informações sobre a sexualidade, seja porque não possuem os conhecimentos para fazê-lo, seja porque se sentem constrangidos para tratar do assunto”.

Segundo Caridade (1997, p. 43), a escola precisa continuar o trabalho de educação sexual, repensando dimensões esquecidas e visões distorcidas ou negadas da sexualidade sem, contudo, substituir a família. A interação família-escola torna-se fundamental para que a sexualidade não se torne alvo da duplicidade de discursos em seu processo educacional.

Para Werebe (1998, p.149) “a escola desempenha um papel importante na educação sexual dos alunos independente das intervenções formais que possa lhes oferecer neste campo”.

Na escola, todos os professores, independente da sua área de formação, podem desempenhar o papel de Educadores Sexuais.

Figueiró (2006) parte do princípio de que todos somos educadores sexuais: os pais, os professores, os demais profissionais e a comunidade em geral, uma vez que no contato com crianças, adolescentes e jovens, acabamos passando mensagens mesmo sem perceber sobre sexualidade, contribuindo assim para que os educandos construam suas idéias, seus valores e seus sentimentos.

Como também afirma Werebe (1998), todo professor, qualquer que seja a disciplina que leciona, desempenha consciente ou inconscientemente ações no campo da Educação Sexual. Estas ações são representadas pela maneira de ser, vestir e agir, pelas idéias e valores

que transmitem e até mesmo pelo tratamento que dispensa aos alunos de ambos os sexos. Desta forma, uma grande preocupação no que diz respeito à educação sexual é como as informações chegam aos alunos.

Apesar de saber que a educação sexual pode ajudar a reduzir os índices de gravidez na adolescência bem como a prevenção de DST, é de especial importância levar os educadores a refletirem que o conhecimento do próprio corpo e da sexualidade faz parte de todo trabalho sobre sexualidade nas escolas, além de ser um direito de toda criança e adolescente (SIMONETTI, 1994).

Guimarães (1995) também destaca que a educação sexual apresenta um grande risco de tornar-se essencialmente repressiva caso ela seja realizada sem o devido planejamento e preparo dos professores, podendo transformar-se em uma doutrinação.

Buscando assim, compreender melhor como tem sido as aulas de Educação Sexual nas escolas, este estudo teve como escopo investigar as atitudes e crenças de professores sobre sexualidade.

Método

Esta pesquisa emprega tanto uma abordagem qualitativa quanto quantitativa, procurando identificar as atitudes e crenças sobre sexualidade em docentes. Trata-se de um estudo empírico e transversal. Esta composta por um espaço amostral de 5 (cinco) professores de ambos os sexos, de escolas públicas jurisdicionadas no noroeste do Paraná.

Trata-se de parte de um estudo mais amplo, ainda em andamento, que contará com a participação de outros 5 professores, além de 300 alunos, 30 de cada entrevistado, que fornecerão sua percepção sobre este assunto abordado por seus professores.

Procedimento: Após autorização do Núcleo de ensino para a realização da pesquisa e aprovação pelo Conselho de Ética para a realização de estudo em seres humanos da UEM, professores foram contactados e convidados a participar. Os docentes foram esclarecidos sobre os procedimentos e objetivos da investigação e concordaram em colaborar voluntariamente. Foi assegurado o sigilo de todos os dados pessoais, de forma que se empregou um nome fictício na descrição dos resultados.

As entrevistas, semi estruturadas, versaram sobre a concepção do professor sobre sexualidade e de como acredita que seria sua reação diante de 3 situações em sala de aula: a) reação dos alunos ao abordar o tema, b) aluno se manifestando como homossexual e c) aluno

se masturbando. Estas foram gravadas e transcritas. Procurou-se empregar situações fictícias, mas possíveis, para que houvesse maior possibilidade de aproximação dos entrevistados com o assunto, saindo assim do terreno puramente teórico para se avizinhar ao concreto.

Para avaliação, empregou-se o método de análise de conteúdo, segundo a modalidade denominada Temática, conforme o que dispõe Bardin (2007).

De acordo com este autor (p.37), análise de conteúdo é

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Na Análise de Conteúdo existe uma técnica que é a Análise Temática que, como o próprio nome diz, se fundamenta no tema. Para Bardin, “tema é uma unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura” (BARDIN, 2007, p.99).

Resultados

Inicialmente, serão apresentados os dados básicos dos primeiros cinco professores da amostra. Na seqüência, cada um será descrito segundo suas características pessoais e profissionais. A fim de preservar a identidade dos integrantes, seus nomes foram substituídos.

Na Tabela 1 tem-se a caracterização da amostra.

Tabela 1 – Grupo de professores paranaenses entrevistados

Nome	Idade	Sexo	Disciplina	Tempo de Docência	Horas/Aula semanais	Grupo de Formação
Elisa	47	Feminino	Ciências e Biologia	18	40	Não
Tânia	45	Feminino	Química, Física, Biologia e Matemática	23	40	Sim
Gabriela	28	Feminino	História	2	40	Não
Gilberto	45	Masculino	Matemática	24	40	Sim
Soraya	51	Feminino	Geografia	14	40	Sim

Como é comum ocorrer na carreira docente, a maioria dos professores (N=4; 80%) é do sexo feminino, assim como tem uma carga horária de 40 horas semanais (N=4; 80%). Três deles recém começaram a frequentar um grupo de formação de Educadores Sexuais. Apenas uma única integrante leciona a menos de 10 anos.

Quando perguntado aos professores o que é sexualidade, Elisa considera como um processo natural e que faz parte de todo ser humano **“eu acho que a sexualidade, você nasce com ela, porque são todos os seus sentimentos, suas angústias, suas alegrias, a felicidade, a tristeza [...]. A sexualidade é natural”**. (as palavras foram assinaladas em negrito para salientá-las no texto). Gabriela também acredita ser algo natural e próprio de cada um **“O fato de a pessoa ter a sexualidade é algo natural, algo próprio do ser humano[...]**”.

Para Tânia, só depois que começou a fazer um curso de formação de educadores sexuais é que sua visão de sexualidade começou a mudar: **“Depois do curso que estou fazendo, é tudo o que está relacionado, realmente, à expressão no dia-a-dia [...]. O gesto, o dia-a-dia, a convivência, o amor e até mesmo o diálogo entre duas pessoas”**.

Para Gilberto a sexualidade poderia ser substituída pela palavra “vida” e ela está presente em todas as nossas atitudes **“[...], sexualidade é vida. [...]. Seja, por exemplo, a maneira de se vestir, de se comportar, uma maneira de você passar um batom, uma maneira de você ver um penteado diferente”**. Soraya também associa sexualidade à emoção.

Todos os professores entrevistados relataram que, para os alunos, a sexualidade se confunde com o ato sexual em si.

Os docentes também foram perguntados sobre o fato de os alunos fazerem piadinhas e gracejos quando se propõem a abordar sexualidade. Nesta questão, Elisa respondeu que tenta explicar a eles que sexualidade não é só o ato sexual, mas que envolve também toda uma questão de sentimentos **“Então, quando você diz, vamos falar em sexualidade, já vem pergunta assim: “Professora, e aula de laboratório”? Eles já levam pra esse lado. [...]. Só que daí, no caso, eu já explico pra eles que sexualidade não é isso”**.

Tânia alega que depois que começou a fazer o curso, considera a sexualidade como algo natural, algo que vamos conquistando e aprendendo no dia-a-dia, porém denota que ainda apresenta uma visão relacionada ao sexo **“Hoje eu vou falar um pouquinho, mesmo, o que é o sexo em si, o que a gente tem que fazer [...]. Eu não vou ficar mais vermelha como ficava há 20, 30 dias antes de entender um pouquinho mais”** e revelando o quanto lhe era difícil abordar o tema. Observa-se o quanto esta professora considera relevante a oportunidade

de rever suas crenças sobre sexualidade “*É importante a gente falar isso; hoje eu vejo que é importante; Eu até pequei em algumas aulas, por ficar brava*”. No entanto, apesar do curso, verifica-se a dificuldade em abordar a questão. Soraya, também participante do mesmo curso, relata “*É... então, na verdade, esse assunto, querendo ou não, a gente ainda tem uma certa reserva, um pouco de medo, assim, às vezes, de falar um pouco sobre o assunto*”.

Para Gabriela, quando os alunos acabam relacionando sexualidade a sexo, ela não descarta a possibilidade de falar sobre este tópico. Nota-se na sua fala o mesmo direcionamento que o dos alunos “[...] *nós vamos, sim, falar de sexo, mas que nós vamos fazer esclarecimentos. [...] Eu tentaria separar assim e falar pra eles: uma coisa é o ato sexual e cada um pra si, outra coisa é sexualidade, a maneira como cada pessoa lida com o sexo*”.

Gilberto que alega gostar de falar deste tema, diz que nem é preciso puxar o assunto: “*Então, [...], não precisa nem falar; eles falam primeiro, eles estão querendo informação, eles estão buscando de uma maneira mais explícita ou menos explícita*”.

Em relação à dificuldade em abordar assuntos relativos à sexualidade em sala de aula Elisa apresentou-se segura no tratamento a essas questões “*Eu, particularmente, não. Não tenho dificuldade nenhuma em falar sobre isso*”. Para a professora a sua própria vivência facilitou esse diálogo com os alunos “*Eu não recebi isso da minha mãe. [...] Eu tive que aprender isso daí... eu procurei uma vizinha minha, [...] aquilo que minha mãe não passou pra mim*”.

Os professores referiram não ter tido oportunidade de discutir sobre sexualidade com os pais e, para alguns, o tema era visto como feio, pecaminoso. Tânia expõe “*É... eu achava que era pecado... Porque a forma como a gente foi educada foi assim. Infelizmente, meu pai e minha mãe são muito conservadores e isso foi passado pra gente, queira ou não*”. Soraya conta que “[...] *eu acho que eu tenho essa dificuldade, hoje, devido a esse motivo. A gente não tinha essa abertura pra conversar com o pai e com a mãe*”. Observa-se seu embaraço em utilizar a palavra sexo. Ao abordar o tema, refere que temos que “[...] *procurar falar com o aluno de uma maneira, assim, mais simples, que eles entendam que aquilo não é uma coisa pecaminosa. Então, falar aquilo com mais naturalidade para que eles não levem pro lado da malícia j[...]*”

Para Gabriela falar sobre o tema não é problema, mas a sua maior dificuldade é encontrar uma linguagem adequada para utilizar com os alunos. “*Falar pra mim, não tem*

problema. O problema é como falar sem chocar, sem... Dependendo, parece até agressivo pra eles, né, pode até ser assustador. Então, é tomar cuidado com isso, e isso é o que me trava”.

Gilberto acredita que o bom relacionamento ajuda na hora de abordar o assunto “*Então, isso é algo que eu consigo através da experiência um pouco, através da minha metodologia de trabalho, eu tenho um vínculo muito grande de afeto, de carinho, de atenção, além da questão profissional”.*

Sobre a possibilidade de algum aluno se declarar homossexual diante da classe, Elisa relata que no momento que surge qualquer piada em relação aos alunos homossexuais ela simplesmente faz uma piada sobre um aluno heterossexual “*Eu simplesmente joga uma piada em cima de um heterossexual. Daí eu começo a expor o ser humano em si, e quem é ser humano, se ele é mais ou se ele é menos porque ele é homossexual, [...]”.*

Tânia não se considera tão preconceituosa como antes, mas tem consciência da necessidade de mudança, até mesmo por conviver ao lado de homossexuais “*Olha, eu era contra, pra ser sincera, eu não gostava, não tinha amizade e, de repente, eu me vi em situação que eu preciso acostumar com a idéia, porque, queira ou não, eu tenho uma pessoa em minha convivência”.*

Para Gabriela essa situação só a deixaria preocupada em saber o porquê o aluno fez essa revelação em sala de aula, pois quanto a sua orientação sexual seria considerado como algo normal.

Gilberto relata jamais permitir piadinhas em sala, mas acredita ser fundamental que cada um se dê ao respeito primeiro para ser respeitado “[...] o aluno, a aluna ou a pessoa tem que se dar o respeito e se valorizar, porque, muitas, vezes, o revide vem porque houve uma provocação, uma manifestação explícita de algo a mais”.

Para Soraya, a existência de homossexuais em sala de aula é muito comum, mas nota-se certa dificuldade em lidar com a situação, até mesmo pelo próprio preconceito relatado pela professora, principalmente quando ela fala “*e não procuro ficar fazendo... tentar a minha opinião, assim, ser contra aquilo [...], agora, eu penso assim, mas antes eu não pensava”.*

Para a professora, essa mudança de pensamento está acontecendo com o passar do tempo “[...] Então, não adianta você ser contra aquilo; [...] Então, eu estou procurando me corrigir e aceitar melhor isso, porque eu sei que é uma falha minha [...]”.

Diante de todo esse contexto, será que é importante abordar temas relativos à sexualidade com os alunos? Vejamos como se manifestaram os docentes diante dessa questão.

Para Elisa a escola é a melhor saída para discutir essas questões, já que na família o assunto não é abordado *“porque em casa, não são todos os pais que esclarecem isso daí. Eu penso que você **aprender em casa ou aprender com um professor na escola que consegue tratar bem o assunto, a aprender na rua, se o pai não fala, é melhor aprender na escola**”*. Gabriela acredita que sua própria disciplina (história) acaba favorece a abordagem destas questões, pois faz parte da cultura e possibilita falar sobre *“ [...] **como eles lidam com o sexo, quais eram os tabus, como as coisas vão mudando, eles ficam interessadíssimos.**”*

Para Soraya o maior mérito em falar sobre o tema é atribuído ao interesse dos alunos *“Há necessidade; realmente tem, **porque é o assunto que eles gostam** (risos) e isso chama a atenção”*.

Sobre a possibilidade de um aluno vir a se masturbar em sala de aula, Elisa relata que essa situação já aconteceu com outra professora na escola em que ela trabalhava. Segundo ela, o aluno se masturbava e se limpava na cortina, no entanto, apenas depois de acontecer umas duas ou três vezes é que a direção foi comunicada, que por sua vez notificou a supervisão *“E daí jogaram pra quem? Joga pro professor de Ciências e Biologia, infelizmente”*. Expõe ainda que conversou com o aluno para saber o porquê dele se masturbar na aula e depois foi falar com a turma. Narra que em sala, após sua explicação

Daí já veio as perguntas se era pecado se masturbar, se dava espinha se masturbar, e todas aquelas perguntas. Daí eu fui explicando pra sala que não é pecado, que não dá espinhas, mas o porquê não deve se masturbar, porque segundo eu fiquei sabendo, tanto a mulher como o homem, se começarem a se masturbar, pode trocar o homem pela masturbação, no caso da mulher, e o homem trocar a mulher, porque ele sabe o ponto dele, mas que não era pecado e eles aceitaram numa boa.

Os outros professores confessam não ter passado por uma situação como esta, mas Tânia acredita que ela iria se assustar mas tentaria falar sobre o assunto. Gabriela diz que comentaria em classe que se trata de uma coisa normal, mesmo não considerando ser, *“Eu ia falar que é uma coisa normal. Pra mim **não chega a ser uma coisa completamente normal, faz parte de descobrir a sexualidade**”*. A professora também crê que iria ficar constrangida com esta situação.

Para Soraya apesar da dificuldade da circunstância, se ampara na perspectiva de receber apoio “*É... eu acho assim, na hora a gente vai ficar assim um pouco constrangida, mas eu acho que eu vou ter suporte pra controlar a situação*”.

O professor Gilberto acredita que mesmo se tratando de um tema que envolve sexualidade, essa situação pode chocá-lo “[...] *por mais que eu esteja aberto, por mais que eu goste de tratar do assunto, por mais que qualquer outra coisa, é uma cena que choca qualquer um*”.

Discussão dos resultados

Considerando alguns dos aspectos mais relevantes que surgiram ao longo deste estudo e no que se refere às atitudes dos professores face à sexualidade, concluímos que os mesmos tendem a mostrar uma atitude favorável ao mesmo na perspectiva deste se constituir como um objeto de estudo.

Alguns professores consideram a sexualidade com algo natural. Entretanto tal discurso pode se evidenciar como uma atitude, por vezes preconceituosa ou conservadora, como confere Nunes (2005):

Muitas vezes o argumento do “natural” é a forma mais cabal do preconceito ou do conservadorismo. Pois se poderá afirmar que são “naturais” o poder, o domínio e a brutalidade no homem, como a “meiguice e ternura” são dotes “naturais” da mulher. É preciso este simplismo. NUNES (2005, p.18)

Ainda como argumenta Chauí (1984) apud Guimarães (1995):

Temos, assim, um fenômeno curioso, qual seja, o de que algo suposto ser meramente biológico e meramente natural (sexo), sofre modificações quanto ao seu sentido, à sua função e à sua regulação ao ser deslocado do plano da natureza para o da sociedade, da cultura e da história. CHAUI (1984, p. 10) apud GUIMARÃES (1995, p.24)

Na sua quase totalidade os professores afirmam que os alunos confundem sexo e sexualidade, porém esta compreensão não é consenso entre os próprios docentes. Apesar de apontarem a diferença, por vezes, algumas falas dos mesmos indicavam não haver distinção.

Apesar dos participantes não serem idosos e, portanto, terem vivido ou crescido após a chamada “Revolução Sexual”, assim como os mesmos terem tido a oportunidade de acesso a um curso universitário, isto não os liberou das dificuldades quando da abordagem deste tema. Mesmo passados 50 anos dos trabalhos de Kinsey e todos os pesquisadores que o sucederam, nota-se que sexualidade ainda é um assunto complexo de ser abordado, sendo tratado de forma equivocada por nossos docentes.

Para complementar, concluímos que os professores consideram importante abordar questões relativas à sexualidade com os alunos, principalmente porque consideram que os alunos têm muito interesse, além de ser um assunto que eles gostam. Entretanto, fica evidente que há dificuldade em falar sobre o tema.

Alguns professores afirmam não encontrar uma linguagem adequada para utilizar com os alunos. Para Nunes (2005, p.15):

Não temos “linguagem” para a sexualidade. Temos sim, de um lado, linguagem tradicional, depreciativa, estereotipada, estigmatizada, frequentemente de baixo nível; e, de outro, a linguagem sexual mais humanizada, afetiva e significativa. É mister construí-la, recriá-la...

Outros consideram normal abordar essas questões, mas quando colocados diante de algumas situações se sentem encabulados ou chocados.

Muitos professores acreditam que a dificuldade exista pela falta de uma formação específica e de uma Educação Sexual Informal, que segundo Figueiró (1999, p.3) são “ações não planejadas, acontecidas no **dia a dia**”, ou até mesmo em consequência de uma educação repressiva que receberam dos pais.

Furlani (2007) utiliza a expressão “falta de tradição familiar” (2007, p.13) e acredita que esta e a ausência de discussões dessa temática se somam aos modelos de disciplinamento, censura e conservadorismo. Para autora este seria então, o momento em que a abordagem da Educação Sexual se reveste de forte importância nas escolas.

Considerações Finais

Os resultados indicam que a abordagem do tema sexualidade é favorável, embora muitos obstáculos tenham sido demonstrados. A maioria dos professores considera relevante falar sobre este assunto, entretanto, evidenciam necessitar de uma formação específica e se

encontram muitas vezes despreparados para discorrer sobre o tema. Observamos algumas contradições entre a teoria e a prática uma vez que o professor se diz seguro para falar em sexualidade com os alunos, mas em algumas situações apresentadas, evidenciou sentir-se constrangido.

Outro aspecto a ser estimado são as dificuldades apontadas pelos docentes pela não Educação Sexual que tiveram ou muitas vezes por uma repressão sexual recebida pelos pais, facilitando assim em suas práticas pedagógicas uma visão pautada em crenças, valores e preconceitos, procedente de suas trajetórias singulares, inscritas em contextos culturais e históricos determinados, como comenta Beiras *et al.* (2005).

Este estudo manifesta a necessidade de uma formação continuada, pois observa-se mudanças de concepções entre os professores participantes de um grupo de formação de Educadores Sexuais, embora, para alguns, denota estar apenas em nível intelectual, não tendo ainda sido integrado no seu modo de sentir. De qualquer forma, para esses professores, o grupo permite ampliar a compreensão sobre o tema, permitindo revisar atitudes, crenças e valores, possibilitando assim uma postura profissional consciente, tendo como ponto de partida e de chegada, suas necessidades, suas indagações, suas aspirações e desejos.

REFERÊNCIAS

ALVES, J. C. S.; CHAVES, A. C. L. **As necessidades e dificuldades da orientação sexual na visão dos professores de ciências de Porteirinha-MG.** E-mail:

andreacarlachaves@gmail.com. Re: Trabalho ENPEC. Enviado dia 16/01/2008.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Trad. Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro Lisboa. Lisboa: Edições 70, 2007.

BEIRAS, A., T., G., TONELI, M. J. F. **Crenças, valores e visões: trabalhando as dificuldades relacionadas a sexualidade e gênero no contexto escolar.** Aletheia.n.21:69-78, 2005.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual.** – Brasília: MEC/SEF, 1997.

CARIDADE, A. **Sexualidade:** corpo e metáfora. São Paulo: Iglu, 1997.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual no dia-a-dia:** 1ª coletânea. Londrina: [s.n], 1999.

_____. **Educação Sexual:** retomando uma proposta, um desafio. 2ª.ed., Londrina: Ed. Uel, 2001.

_____. **Formação de Educadores sexuais: adiar não é mais possível.** Campinas, SP: Mercado de Letras, Londrina, PR: Eduel, 2006.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 39.ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **“Memória: Paulo Freire”**, Teoria & Debate, n.º 17, jan/mar, 1992. Entrevista concedida a Mário Sérgio Cortella e Paulo de Tarso Venceslau. Disponível em: <http://www.fpabramo.org.Br/td17/td17-memoria.htm>. Acesso em: 20 de julho de 2006.

FURLANI, J. **Mitos e tabus da sexualidade humana: subsídios ao trabalho em educação sexual.** 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

GOLDBERG, M. A. A. **Educação Sexual: uma proposta, um desafio.** 4ª.ed. São Paulo: Cortez, 1988.

GUIMARÃES, I. **Educação sexual na escola: Mito e realidade.** Campinas: Mercado de Letras, 1995.

NUNES, César Aparecido. **Desvendando a sexualidade.** 7ª. ed. Campinas: Papirus, 2005.

SIMONETTI, C. **Sexualidade na adolescência e programas de educação sexual.** Boletim Transa Legal para Educadores, vol. 1, n. 1. São Paulo, maio/jun, p.2, 1994.

WEREBE, M. J. G. **Sexualidade, Política, Educação.** Campinas, SP: Autores Associados, 1998.